ALEXANDRE HONRADO

| ENTREVISTA |

Pedro Macedo - Framed Photos

«Deve-se lavar as mãos do cérebro antes de pegar num conto para crianças.»

Mariana Sim-Sim David

Nasceu em 1960, em Lisboa, e escreveu o primeiro livro por volta dos sete anos, uma espécie de álbum ilustrado com que presenteou uma professora. O episódio serviu para reforçar um amor pela escrita que o foi acompanhando nas redacções por onde passou e nos muitos livros que já publicou. Começou por criar peças infantis, levadas à cena em muitas escolas, depois contos, que lia na rádio, e em 1984 publicou a sua primeira obra de literatura infantil, *Castelinhos no Ar*, «uma história muito pequenina», derivada de um desses contos. Não se ficou pelo jornalismo e pela literatura infantil; é também autor de ficção para adultos, manuais escolares, filmes e programas de televisão e foi professor do Ensino Superior (isto para além da licenciatura em História…). É na escrita que se sente mais confortável e uma boa parte do estímulo surge nas respostas que lhe chegam dos leitores mais jovens. Deu-nos algum do seu tempo para conversar sobre a obra e para partilhar opiniões e alguns momentos bem-humorados que viveu.

Quando começou a ler, fê-lo por vontade própria ou foi aliciado por alguém?
Penso que fui aliciado por alguém. Quando comecei a ler, queria fazer o exercício do adulto; era criança e queria fazer como os adultos, queria imitar. Mas fui aliciado, dentro de casa e fundamentalmente por uma avó, a minha avó materna, que era uma mulher que adorava livros, gostava muito de lê-los e de partilhá-los. Eu tive a sorte que muita gente não tem: nasci e cresci numa casa cheia de livros, e depois viciei-me. A casa, que já estava cheia de livros, tornei-a uma casa cheia de muitos livros. De cada vez que alguém na família se queria separar de alguns por falta de espaço ou porque infelizmente já não estava connosco, eu ia buscar os livros, eram as únicas coisas que queria manter comigo, e hoje estou viciadíssimo nisso.

De que tipo de livros gostava quando era mais novo?
Comecei a gostar de livros de todo o género, mas, provavelmente, como já me chegavam escolhidos, comecei a gostar dos melhores. Quando falamos de ficção científica, só convivi com os melhores autores; quando falamos de terror, que também li alguns, só falamos dos melhores autores, ou ficção de outro tipo… Só li dos melhores autores porque tinha essa sorte, tinha alguém que já tinha lido por trás ou tinha escolhido e me trazia as coisas de melhor qualidade. Tenho essa convicção: quando escolhemos a qualidade e a damos às pessoas, elas habituam-se porque não sabem o que é má qualidade e não sabem que há outra coisa. Invertemos muito isso nos códigos culturais portugueses, por exemplo. Não só portugueses, mas da civilização ocidental, que, sendo civilização da banalidade, onde o entretenimento é feito pelas coisas mais básicas e gratuitas, aquele que as televisões produzem, normalmente, com má qualidade para dar às pessoas. As pessoas acham que aquilo é um produto de consumo e não conhecem melhor. Se eu for jovem e passar a tarde deitado num sofá a ver televisão, se a televisão não tiver coisas boas, vou achar que aquilo é o meu entretenimento e fico pobre para o resto da vida.

Que idade tinha quando se sentiu atraído pela escrita?
Muito cedo, mesmo muito cedo. Dos sete para os oito anos, ofereci um livro escrito por mim à minha professora. O livro foi escrito com as maiores das patetices, porque tinha umas anedotas, umas adivinhas, uns contos patéticos e desenhos feitos por mim. E a professora disse: «Que engraçado, o Alexandre, que não tem jeito nenhum para o desenho, fez um livro ilustrado e até fez uma capa gira, porque este cão está muito engraçado!» Eu olhei para ela e disse-lhe, com uma lágrima no olho: «É uma girafa, não é um cão…» Fui alvo de riso, mas a partir daí decidi: «Não vou ser mais desenhador, o que vou ser mesmo é autor de algumas histórias.» E se calhar foi aí que ficou tudo marcado para o resto da vida.

Que tipo de histórias, e em que géneros, começou por escrever?
As histórias mais patetas… Lembro-me (não eu, mas pessoas que leram e que até hoje me repetem as histórias que escrevi) da história de um anjinho pálido que queria voar até ao sol para ficar corado. São histórias patetas, completamente, mas eram histórias dos sete para os oito anos. Depois comecei a escrever histórias de todo o género. Não gostava daquelas histórias do tipo «As minhas férias…», «A Primavera…»; gostava de histórias com muita imaginação, e aquelas que me vinham à cabeça, produzia-as livremente.

Ainda jovem começou a publicar textos em jornais, entre eles o *Diário Popular*. Nessa altura sentia-se mais motivado pela ficção ou pelo jornalismo?
O jornalismo e a ficção foram dois irmãos de braço dado. Eu achava que havia uma necessidade muito grande em informar as pessoas. Ainda hoje agarro-me a essa ideia quase romântica – as pessoas têm direito a ser informadas, a fazer opções, a perceber o que é que se passa à sua volta, têm direito a transformar as suas vidas, a tê-las na sua própria mão e a ter conhecimento daquilo que se passa realmente. O jogo da manipulação instalou-se e nós hoje, como jornalistas, chocamos contra paredes enormes; toda a gente nos conta mentiras que aceitamos quase como verdades, e o jornalismo está feito dessas meias verdades e desse choque com as paredes e dessas mentiras também passadas pelos outros. Sempre pensei, desde muito jovem, que era preciso informar; era preciso formar informando; era preciso que as pessoas fossem livres através daquilo que era a informação que lhes chegasse. Foi daí que veio a paixão pelo jornalismo, que, digo romanticamente, ainda não acabou em mim. A ficção é a liberdade total. O jornalista escreve uma notícia com o final a começar: «Eles morreram esta tarde»; o ficcionista faz ao contrário: conta toda a história de vida daquelas pessoas e eles morrem na última página, que tristeza – é a inversão das coisas. A ficção é uma liberdade total, as coisas não são assim, não temos de provar os factos, podemos andar dentro do maravilhoso, do fantástico, da imaginação solta que vai dentro da nossa cabeça. O jornalismo não pode ser aquilo que às vezes é feito por aí – não pode ter maravilhoso, fantástico, mentira, ficção, não pode dizer às pessoas aquilo que não é; lida com factos: «Esta tarde, às 18.00h, na rua "x" aconteceu isto, por causa disto, com estas pessoas.» Fora disso, é mentira ou não aconteceu e nós estamos a manipular as pessoas; essa é a diferença.

Como surgiu a oportunidade de publicar o seu primeiro livro, *Castelinhos no Ar*[1]?
Eu estava numa estação de rádio, a fazer colaborações como jornalista, era muito jovem. Houve uma reforma da grelha de programas dessa estação de rádio e o director da estação disse: «Vamos ter um espaço mais lúdico e divertido nas manhãs de Sábado ou Domingo – já não me lembro –, em que também podemos ter uns contos e umas coisas…» e eu sugeri, por vontade minha: «Quero também fazer uns contos para esse espaço.» Tinha começado noutra área; comecei a escrever teatro para as crianças (e não só, mas fundamentalmente teatro) e mantive até hoje. Não é a minha faceta mais conhecida, mas neste momento tenho uma peça em cena, sobre o 5 de Outubro, a fazer uma digressão nas várias cidades do Algarve[2]. Eu comecei a escrever teatro e, por acaso, tinha escrito coisas para crianças também (uma delas até com algum êxito, chamava-se *A Menina do Capuchinho Cor-de-rosa Pálido*[3]); achei que era um público muito interessante, muito engraçado, que reagia com uma naturalidade e com uma verdade muito grandes. Propus fazer esses contos em rádio. Houve um senhor que me ligou para a estação de rádio, a dizer que era editor, que tinha ouvido uns contos e gostado muito e se eu não teria um conto para publicar em livro. Fui ter com ele, pagou-me o almoço (extraordinário!) e acabei por

[1] (1984). *Castelinhos no Ar*. Mafra: Altagráfica (ilustrações de Nuno Teias).
[2] *Um Homem Singular – Retratos de Manuel Teixeira Gomes* (encenação de Luís Vicente; representado pela ACTA – A Companhia de Teatro do Algarve).
[3] (1978). *A Menina do Capuchinho Cor-de-rosa Pálido* (encenação de Alexandre Honrado; levado à cena no Centro Social de Alcântara).

publicar o primeiro livro. Portanto, sou um escritor por acaso, não porque andei à procura de o ser. Escrevi um conto e foi publicado. É uma história muito pequenina, a do meu primeiro livro, tem muito poucas páginas, muitas ilustrações, foi ilustrada por um colega de liceu. Nasceu assim o primeiro livro.

E o jornalismo, como é que entrou para o meio?
Entrei para o meio porque fazia – essencialmente foi aí que nasceu tudo – o jornal da escola. Fazia jornais na escola e muito cedo reportagens, entrevistas… coisas patéticas, obviamente, e sem grande técnica, mas ali estava algum potencial, digamos assim. Dois professores, em alturas diferentes e por razões diferentes, eram jornalistas e desafiaram-me a fazer coisas mais ousadas. Comecei a colaborar, não era jornalista de quadro (nada disso), e fui crescendo lá dentro. Num dos jornais onde estava, para ganhar mais alguma coisa ao fim do mês, fazia recados, inclusivamente, para além das pequenas peças jornalísticas. Depois, o que foi visto pelos meus chefes saudosos (e queridos chefes, nalguns casos) – daqueles que sabiam muito bem falar português (e escrever, e dominar a técnica jornalística) – foi que estava ali um miúdo que gostava de escrever, que sabia escrever e que queria aprender a técnica. Tiveram a coragem nalguns momentos de dizer: «Rasga, isto não é para um jornal; tens de ser objectivo; isto serve para um livro ou uma ficção; vai à luta.» Lembro-me de um velho jornalista do *Diário de Notícias* que um dia, numa conferência de imprensa, me deu um soco nas costas e disse «Vai tu para a frente e pergunta tu!» E, no meio de dezenas de jornalistas numa conferência de imprensa, aterrorizado, fui para a primeira fila e fiz as primeiras perguntas. Isso desbloqueou-me. Esse soco nas costas ficou cá; ainda hoje me lembro dele.

Que desafios apresenta a escrita para televisão (em particular para programas infantis)?
Alguém disse que para as crianças só se escreve de uma forma: a melhor. Qualquer desafio que se possa ter para escrever para crianças em televisão é sempre um desafio de um cuidado intensíssimo. Não é isso que se está a passar nem é isso que se está a ver. Não acredito na esmagadora maioria das coisas que vejo na televisão para crianças, porque são para crianças como objectivo comercial e das estações, mas não são para crianças efectivamente. Em 90% dos casos (há excepções gloriosas) é péssima a programação infantil, que as pessoas não têm sensibilidade para aquilo que estão a fazer e que a palavra «dinheiro» anda muito mais à frente do que as palavras «formação», «pedagogia» ou «interesse». Temos que nos conformar até ao dia em que toda a gente tenha uma posição activa face àquilo que se está a passar. Não gosto de 90% dos programas que são ditos «infantis». Já a expressão «infantil» traz tudo agarrado: são mesmo programas infantis, não cresceram e são muito maus. Muitas vezes o que se vê é um cruzar – mesmo nas grandes produções, naquilo que são os filmes de Natal, por exemplo, com «Disneys» e «Pixars» misturados; são híbridos, são coisas em que, como se sabe que o público infantil vai estar presente numa plateia com os pais, faz-se coisas também para os pais e mistura-se determinado tipo de fórmulas naquilo que se está a passar. Estamos a criar gerações com comportamentos desviantes por isso, porque não se percebe que a este escalão etário deve corresponder determinado tipo de coisas melhores do que aquelas. Estamos a ir pelo facilitismo; é assustador.

De que modo a sua formação em História influencia as ficções que cria?
De modo nenhum. Às vezes estou eu a combater comigo próprio, dá-me vontade de me bater, porque a ficção é mentira e a História é a procura da verdade, do facto: «Será que esta pegada é mesmo de um homem que viveu há 2000 anos, ou foi do senhor que passou por aqui e que era gordo e pesado e neste sítio deixou um pé marcado?» Os investigadores em História são aquelas pequenas formigas que andam no terreno à procura de reconstituir o passado e dizer aos outros: «O homem evoluiu desta maneira e fez este tipo de coisa nesta altura.» O ficcionista é o oposto: põe pegadas de dinossáurio onde quer, inclusivamente à porta de sua casa, porque se diverte com isso. Tenho essas duas facetas, luto entre aquele que gosta de História e aquele que gosta de histórias, que é uma diferença muito grande e, portanto, com ambiguidade. Às vezes influencia; o último romance que escrevi para adultos, *Amor a Monte*[4], é uma ficção com muitas coisas da História recolhida, da História sabida, provada pelos historiadores, e está misturada com a ficção. Ou quando faço biografias – como a da Carlota Joaquina[5], da D. Maria I[6], da Isabel de Aragão[7] ou da Teresa de Ávila[8] –, são, obviamente, produtos do historiador misturados, de certa forma, com aquilo que é o ficcionista; é uma maneira de contar minha, mas com base na História. Há essa ambiguidade e, portanto, viverei com ela, vamos ver se os leitores também conseguem continuar a viver, porque até agora têm vivido bem.

Abarca, com a sua escrita, géneros distintos. Sente-se mais confortável em algum deles?
Eu sinto-me mais confortável a escrever. Impus-me coisas que foram do tipo: «Vê lá se consegues escrever desta maneira ou daquela.» Tenho livros que são opostos: tenho um conto de ficção científica no sentido mais clássico do termo, o «7500@»[9]; contos e novelas da chamada «alta ficção», como *A Maldição do Tesouro da Mina*[10]; livros que são mistura da técnica jornalística e uma escrita poética, como *Lágrimas Quebradas*[11], ou *Mesmo que Morras, Telefona!*[12] e *É Preciso Amar Devagar*[13]; títulos muito mais realistas, quase jornalísticos, como *A Minha Vida Não É Nada Disto*[14]; ou livros que são da realidade quotidiana, com muito humor, como *A Família que Não Cabia Dentro de Casa*[15]; ou livros muito infantis, muito virados para o imaginário mais infantil, como *Hoje Não Quero Dormir*[16]. São os desafios que me imponho, sou aquele escritor que quer impor-se desafios para ver como reage à sua escrita. Uma vez tentei escrever um livro – e consegui, o livro teve uma excelente carreira –, chamado *O Soberano – Uma aventura maior do que a vida*[17], naquele âmbito quase entre o medieval e *O Senhor dos Anéis*; é uma tentativa minha de ver se consigo andar por outro imaginário, e é muito engraçado porque parti

[4] (2008). *Amor a Monte*. Lisboa: Gradiva.
[5] (2006). *Carlota Joaquina – A rainha que amou demais*. Lisboa: Guerra & Paz.
[6] (2007). *D. Maria I – Nem todas as loucas são piedosas*. Lisboa: Guerra & Paz.
[7] (2009). *Isabel de Aragão, a Rainha dos Templários*. Lisboa: Guerra & Paz.
[8] A publicar em 2011.
[9] Inédito (1983).
[10] (2010). *Leia – A maldição do tesouro da mina*. Lisboa: Gradiva (ilustrações de Joana Neves).
[11] (2001). *Lágrimas Quebradas*. Miraflores: Difel.
[12] (2003). *Mesmo que Morras, Telefona!* Miraflores: Difel.
[13] (2001). *É Preciso Amar Devagar*. Miraflores: Difel.
[14] (1997). *A Minha Vida Não É Nada Disto!* Lisboa: Terramar.
[15] (2004). *A Família que Não Cabia Dentro de Casa*. Porto: Ambar (ilustrações de Rogério Taveira).
[16] (2009). *Hoje Não Quero Dormir!!!* Lisboa: Livros Horizonte (ilustrações de Natalina Cóias).
[17] (2006). *O Soberano – Quando a aventura é maior do que a vida!* Porto: Ambar.

para o livro sem expectativa nenhuma, adorei escrevê-lo e quando estava nele não queria largá-lo, fascinei-me pelo livro como se fosse um leitor.

Que tipo de relação tem com os seus leitores?
Excelente. Há uma leitora que conheci quando tinha muito pouca idade, e que me convidou para o casamento dela, doze ou catorze anos depois. Há pessoas que me enviam muitas cartas para a editora ou e-mails… É uma relação extraordinária: tanto gosto de me sentar no chão – e já me aconteceu – em escolas pré-primárias, com uma menina que pára a sessão de contar de histórias e diz: «Espera!» Foi ter comigo, sentou-se ao meu colo e disse «Aperta a minha bota». Atei-lhe os atacadores, voltou para se sentar: «Conta agora o resto da história.» É uma relação única na minha vida de escritor, como outras de todo o género. O leitor mais novo tem esta vantagem de não nos dar palmadinhas nas costas. Gosta ou não gosta e diz: «Eu quero isso para mim!», «Como é que acabaste a história tão mal? Por que é que não deixaste que ele casasse com ela?» Isso não acontece no adulto, com os preconceitos todos que tem, ou que fica fechado nas suas quatro paredes mentais e não vem ter connosco da mesma forma. Os meus livros para adultos vendem não sei a quem, porque o comprador não me manda um e-mail ou uma carta. E interessam-me mais os leitores; as bibliotecas estão cheias de livros meus lidos, requisitados; o escritor faz-se mais por aquilo que é lido e não por aquilo que é vendido. Claro que há obras extraordinárias – ainda agora saiu a 11ª edição da *História Dentro de uma Garrafa*[18] –, livros que vendem muitos milhares, que ultrapassam as expectativas; há livros que são traduzidos para línguas estrangeiras e têm edições gigantescas; mas não é isso que faz mais ou menos contacto entre o escritor e o leitor.

Há cuidados especiais a ter na escrita para crianças? Quais?
Todos os cuidados. Deve-se lavar as mãos do cérebro antes de pegar num conto para crianças. Os últimos que tenho visto são lixo, sobretudo se são feitos por quem só quer ganhar dinheiro, porque acha que se trata de um mercado interessante. São grandes lixos, não lavaram as mãos do cérebro; puseram-se a amassar farinha e depois descobriram que era só farelo, que não era aquilo que devia fazer o «pão mental» para a criança comer. Se calhar não têm consciência disso. Não quer dizer que seja exclusivo meu ou dos grandes escritores que conheço (e conheço os maiores, a produzirem no mundo inteiro coisas extraordinárias para crianças – tomara eu estar ao nível deles). Estou apenas a dizer que é preciso um cuidado e uma honestidade muito maiores; não se pode fazer um *bestseller* para crianças, dizendo «ai que bom, vamos lá ganhar algum dinheirinho com as crianças; ai, que bom, tenho uma editora que agora me dá uns dinheiros para o fazer, eu até sou uma figura pública e talvez resulte e venda umas coisas…» Não estão a trair as crianças só, estão a trair-se a eles e, provavelmente, foram crianças traídas quando eram mais pequenas.

Procura veicular algum tipo de mensagem quando se dirige aos seus leitores mais jovens?
Odeio mensagens; acho que as respostas estão sempre dentro de nós e, por isso, estão distantes. Nós temos que ter, essencialmente, informação; temos de nos informar através

[18] (1999). *História Dentro de uma Garrafa*. Lisboa: Gradiva (ilustrações de Ana Cristina Inácio).

do conteúdo dos livros que nos dão, através do conteúdo da vida que nos dão para viver, e saber escolher, saber tirar para nós o melhor das coisas que vão estando à nossa disposição. Eu sei que há uma revista que se vende e que essa revista contém coisas que são banais. Por que é que eu hei-de perder tempo, se há outras revistas com coisas boas? Eu sei que há este livro [*aponta para um dos seus livros juvenis*]; se calhar não é para mim, eu li a primeira página e não gostei dela, vou escolher o livro ao lado. Não é o livro do Alexandre Honrado que eu quero impingir; quero dizer às crianças que leiam o livro que os toque, não os meus. Leiam livros que levedem e façam deles o grande alimento para a sua liberdade.

Desempenha algum papel na escolha dos ilustradores das suas obras? Como articula o seu trabalho com o deles?
Depende: às vezes desempenho, às vezes a editora sugere-me um ilustrador, e eu, depois de conversar com ele, vou tentando dizer-lhe qual é o meu ponto de vista e vou tentando nivelar. Há ilustradores que nem sequer conheci – então em livros que saíram fora de Portugal, há ilustradores que não conheci pessoalmente ainda, não tive esse prazer; há alguns com que gostei muito de funcionar por e-mail e por contactos telefónicos e outros. Desempenho às vezes um papel relativo. Há ilustradores que ilustraram livros meus e, posso dizê-lo, não gostei mesmo nada do resultado final, apesar de ter aprovado, e por causa da insistência da editora. Tenho culpa: se aprovei não posso agora dizer que não gostei (mas não gostei), e há outros de que gostei vivamente, e que distingo por comparação. Há livros em que gosto muito das ilustrações, mas que não funcionam junto ao público-alvo, e há livros que funcionam muito bem junto ao público-alvo, mas de que gosto menos. Prefiro escrever menos e dar sempre produtos melhores; não gosto de escrever um livro atrás do outro, e escrevo muito, apesar de tudo – se calhar demais.

Há diferenças entre os adolescentes a que se dirigia quando começou a escrever e aqueles que o lêem agora?
O ser humano não acusa diferenças, a cultura do ser humano é que às vezes não está tão dominada e acusa algumas diferenças. Há coisas que me entristecem: livros que eram trabalhados e falados em escolas por crianças com nove, dez, 11 anos, hoje estão com crianças de 13, 14 e 15, o que significa que há uma diferença de aquisição cultural bastante grande. A que se deve isso? Se calhar à destruição entre a passagem da cultura e o facilitismo dessa mesma cultura… E até o desvalorizar da cultura; a cultura não é hoje coisa muito valorizada, não é a grande prioridade, se bem que é nisso que assenta toda a nossa condição humana e é nisso que assenta a nossa capacidade de ser mais ou menos livres. As pessoas menos cultas são mais dominadas e, neste momento, as pessoas estão cada vez menos cultas; tire daí as conclusões que quiser.

Muitos dos protagonistas das suas histórias juvenis vivem em ambientes familiares invulgares, ou têm histórias de proximidade com as drogas ou a toxicodependência. Por que é que escolhe tratar estes temas tão frequentemente?
Isso acontece numa parte da minha obra por várias razões. Primeiro, porque contactei com algumas realidades juvenis dentro do âmbito de coisas que fiz como professor e

formador e na área da recuperação dos toxicodependentes, etc. (também numa área ligada ao teatro em que fiz alguns exercícios em zonas onde era realidade muito comum). Mas também porque a sociedade tem esses temas presentes e, portanto, não vamos esconder, nem vamos fazer o «truque da avestruz», meter a cabeça na areia e não ver que isso existe todos os dias. Há um toxicodependente em todas as famílias, mesmo que não se saiba nem se perceba. As toxicodependências no geral não são coincidentes com o consumo das drogas pesadas: pode consumir-se drogas leves, ou ser dependente da cafeína, ou do cigarro, que é uma droga tão má e tão brutal como outra qualquer; há sempre um toxicodependente em todas as famílias, nem que seja o avô que começou a fumar depois dos 80. Mas essas realidades estão presentes na minha obra como estão outras. Penso que terei sido talvez um dos cinco ou seis autores que recorreu mais a esse tipo de realidades, porque é inevitável. Já disse isto mais do que uma vez em escolas: se eu pudesse, só escrevia livros para rir, para divertir. Há uma série minha, o «Inspector Bolhas»[19], que diverte extraordinariamente; é um inspector da polícia que chega atrasado aos crimes porque tem bolhas nos pés – aquilo é só para rir, para divertir a criança, para treinar a sua ginástica mental, para treinar o seu sorriso, porque ela precisa muito. Não se estão a viver momentos felizes na nossa vida social, política e histórica; não estamos felizes, precisamos de rir também. Mas não podemos ficar pelo riso, infelizmente, a vida é mais complexa.

Tem temas que gostasse de abordar nos seus livros infantis e juvenis mas que ainda não tenha tido oportunidade?

Tenho sempre temas novos. Gostava de abordar, estranhamente, temas mais abstractos, menos concretos e menos terra-a-terra. Vamos ver se consigo colocá-los em cima da mesa. E os temas mais abstractos podem ser o que é que se passa debaixo de um tapete da porta de entrada: o que é que são os ácaros, que lixo é que lá ficou, que história é que ficou debaixo daquele tapete, que restos de cabelos, cabelos de quem, quem é que passou por aqui, quem é que viveu aqui? Isto é abstracto, não é concreto, mas pode ser um tema de uma história? Não sei, não sei se vou escrever esta história, estou só a deixar fugir as ideias nesta conversa. Mas se calhar tenho um conjunto, um punhadinho, uma caixinha cheia de temas e gostava de ir a eles e penso que irei muito brevemente. Posso dizer que estou com um desafio, a fazer uma coisa que é difícil às vezes e que estou a fazer pela segunda vez na minha vida. Uma vez perguntaram-me se queria escrever um livro com cem contos; eu disse que sim, escrevi o primeiro e depois disse: «Só faltam 99, isto vai ser uma aflição!», e cumpri os cem[20]. Fizeram-me o desafio novamente e estou novamente a escrever cem histórias para um livro; quer dizer que se cada livro daqueles tem cem histórias, dois terão duzentos contos meus, é muito conto, muita ideia, muita história! Poderei ir ao abstracto e ao concreto, poderei fazer algumas coisas diferentes. Fiz na rádio, durante um ano e meio (o ano passado e há dois anos), um conto semanal e já de si isso era um exercício difícil. Fazer cem histórias agora vai ser um «puxar de cabeça»,

[19] Fazem parte desta série os títulos (2006). *Amor e Crime no Mundo do Futebol*. Porto: Ambar (ilustrações de Rogério Taveira); (2006). *Bolas-de-berlim com Crime*. Porto: Ambar (ilustrações de Rogério Taveira) e (2007). *Terror e Crime entre Fraldas e Diamantes*. Porto: Ambar (ilustrações de Rogério Taveira).

[20] Estes cem contos podem ser lidos na obra (2004). *100 Histórias do Meu Crescer: Imaginação à solta em histórias de espantar para todas as idades*. Porto: Asa (ilustrações de António Albuquerque).

mas os temas estão dentro de uma caixinha e eu vou lá buscá-los, a caixinha está aqui, num ponto qualquer da minha cabeça.

Tem histórias novas prontas e à espera de serem publicadas?
Nunca tenho histórias à espera de serem publicadas, tenho sempre histórias a ser ilustradas e na linha de produção. Fiz agora um livro que vai acompanhar o 2º ano do 1º Ciclo [do Ensino Básico] com contos originais, fiz uma adaptação de pecinhas de teatro para serem aplicadas no ensino só com fantoches – uma das minhas vontades é nunca largar o teatro como forma de expressão, onde se estrutura muito bem a vida: há um encenador que comanda as coisas, mas depois cada um tem o seu papel a desempenhar e cada um tem de ser responsável no colectivo. Acho isto extremamente engraçado, é um exercício democrático fabuloso; nós achamos que democracia é estar sentado na plateia a dizer mal do que estamos a ver, ou a assobiar e a apupar, e não é, a democracia é estar em cima de um palco em que todos têm um papel a desempenhar, e o teatro dá-me esse gozo de raciocínio. Tenho agora, de encomenda, algumas surpresas que não queria revelar, nomeadamente uma série de livros sobre meninos que se portam mesmo mal, que se chama «Os Encardidos».

Por fim, queria perguntar-lhe que opinião tem sobre a literatura infanto-juvenil que actualmente se produz.
Já dei algumas opiniões. Penso que em Portugal há esta ambiguidade: conseguimos produzir muito e bom; é, talvez, com a Irlanda, dos países da Europa onde há melhores poetas, por exemplo, e também onde se produz muita literatura infanto-juvenil de qualidade. Também se produz, por perda completa de orientação, muito lixo na tentativa desesperada de procurar um *bestseller*… Eu vejo pessoas vindas de áreas completamente diferentes a tentar publicar livros infanto-juvenis e depois o próprio mercado a responder: «Não gosto disto, não quero isto, não me serve», mas não há, nitidamente, uma política para o sector, uma directriz. Também da parte das editoras há, neste mercado tão confuso em que vivemos, a tentativa de fazer negócio e de desafiar pessoas de áreas completamente diferentes, como a política, a telenovela, a escrever um livro… Desde que seja conhecida, tentam pôr-lhe na mão uma caneta e: «Faz aí qualquer coisa, que depois a gente dá um jeito e resulta num livro infantil.» Faz-se do melhor e do pior. A «Literatura para a Infância e para a Juventude» (chamo-lhe assim, é diferente daquela que é «Infanto-juvenil»), essa, penso que tem autores de grande qualidade e a fazer trabalho muito meritório; a literatura infanto-juvenil é aquilo que o próprio nome traduz: é infantil e juvenil, ainda não cresceu e não é suficiente para chegar às crianças e aos jovens. ■